

ENTREVISTA MICHAEL LOWY

Nota preliminar: não posso responder em nome de « o marxismo »...Existem mil marxismos, muitas interpretações possíveis. Só posso dar minha opinião, enquanto marxista, ecosocialista, internacionalista.

1. Revista Histedbr On Line - Como o marxismo pensa a questão ecológica e a questão agrária?

Michael Löwy - O marxismo nos dá instrumentos fundamentais para entender a crise ecológica atual, e o desastroso processo de aquecimento global: resultam do caráter profundamente irracional do sistema capitalista, baseado na expansão ao infinito, na produção de mais e mais mercadorias inúteis, na acumulação ilimitada do capital, e no desprezo por qualquer regra ou princípio que seja um obstáculo à maximização dos lucros. O capitalismo é inerentemente contraditório com a defesa do meio ambiente e do equilíbrio ecológico do planeta. É um sistema intrinsecamente perverso que tem de ser superado se queremos evitar uma catástrofe ecológica sem precedentes na história da humanidade.

Entretanto, acho que o marxismo deve rever algumas de suas colocações: por exemplo, é importante entender que a revolução socialista implica não só a mudança das relações de produção - a propriedade privada dos meios de produção - mas também a transformação radical das próprias forças produtivas. Deve-se aplicar ao aparelho produtivo aquilo que Marx escrevia sobre o aparelho de Estado: os trabalhadores não podem se apropriar do aparelho burocrático capitalista e colocá-lo a seu serviço; tem de « quebrá-lo » e substituí-lo por uma outra forma política: um poder democrático dos trabalhadores. O que está colocado então é uma mudança de todo o sistema produtivo, dos padrões de consumo, enfim, de toda a civilização industrial capitalista moderna. O desafio do ecosocialismo, que é a forma do marxismo no século 21, é de pensar num novo modelo de civilização, mais além da mercadoria e do capital, baseado na solidariedade e no respeito pela « Terra-Mãe ».

Quanto à questão agrária: algumas das pistas mais interessantes para pensar a questão agrária no mundo e na América Latina em particular foram sugeridas pelo grande pensador marxista peruano, José Carlos Mariátegui, que mostrava, já em 1927-30, a importância das tradições comunitárias camponesas e indígenas - o que ele chamava de « comunismo inca » (encontramos exatamente a mesma expressão em Rosa Luxemburgo) - para a luta pelo socialismo moderno.

Os camponeses, organizados na grande rede « Via Campesina » - da qual faz parte o MST - são hoje em dia uma das forças mais avançadas e radicais no movimento altermundialista, no combate ao capitalismo agrário e às políticas neo-liberais, em defesa de uma agricultura camponesa que respeite o meio ambiente. Os marxistas têm muito a aprender com estes movimentos. Não se pode reduzir o sujeito da transformação social, em particular nos países do Sul, unicamente à classe operária fabril. Aliás, em todas as grandes revoluções do século 20 - a mexicana, a russa, a chinesa, a vietnamita, a cubana - os camponeses tiveram um papel decisivo.

2. Revista Histedbr On Line - Qual a pertinência e o alcance do conceito marxista de classe social? Como o marxismo analisa as transformações em curso no mundo do trabalho?

Michael Löwy - Os conceitos marxistas de classe social e de luta de classes são ao mesmo tempo um instrumento incontornável de análise da realidade e um vetor da ação transformadora. Sem dúvidas existem problemas essenciais que não se reduzem ao conflito de classes : a opressão da mulher, a dominação de etnias ou nações, a destruição do meio ambiente. Mas na medida em que estas questões estão ligadas, de uma forma ou de outra, com o sistema capitalista, existe uma articulação, uma convergência, uma relação dialética com a luta de classes.

As transformações do mundo do trabalho tomam formas muito diferentes no centro e na periferia do sistema. Existem algumas tendências gerais : redução do peso da classe operária industrial, expansão do setor de serviços, proletarização do trabalho intelectual. Mas de uma maneira ou de outra, a grande maioria da população é composta de mulheres e homens que tem de vender sua força de trabalho para sobreviverem. Temos aqui o proletariado no sentido amplo, o conjunto das classes subalternas que vivem de seu trabalho e são submetidas à dominação do capital.

Nos países periféricos encontramos uma enorme massa de pobres e excluídos, desempregados permanentes, condenados à uma sobrevivência precária na economia « informal » : é o « pobretariado », forma característica do capitalismo dependente. A maioria desta multidão de deserdados vem do campo, de onde foi expulsa pelo desenvolvimento do agro-negócio capitalista, para concentrar-se nas margens das grandes cidades : é o « Planeta-Favela » de que falava Mike Davis. O grande desafio para os sindicatos, movimentos sociais e partidos de esquerda é conseguir organizar este « pobretariado ».

3. Revista Histedbr On Line - Como as propostas marxistas podem contribuir para o desenvolvimento de um projeto educacional no Brasil ?

Michael Löwy - Do ponto de vista marxista, a educação é uma das prioridades de qualquer política social. Um primeiro passo seria, como em Cuba ou na Nicarágua, uma grande campanha de alfabetização, mobilizando a juventude escolar para ir à todos os recantos do país, utilizando a pedagogia ativa de Paulo Freire. Recursos enormes que hoje são desperdiçados com compra de armamentos inúteis – porta aviões ! – ou na subvenção à banqueiros e usineiros, deveriam ser dedicados ao orçamento da educação, em todos os níveis, desde o primário ao universitário ; é fundamental ampliar a rede de ensino público gratuito, e marginalizar as empresas privadas, enorme sistema parasitário que se desenvolveu explorando as falhas da educação pública. É preciso garantir o acesso ao ensino secundário e universitário ao conjunto dos jovens brasileiros. Isto permitira não só criar centenas de milhares de postos de trabalho, mas contribuir para elevar o nível cultural da população, aprimorar a qualificação profissional dos trabalhadores, ampliar substancialmente o público leitor e reduzir a criminalidade juvenil. Enfim, seria

importante associar os professores e os alunos, assim como seus sindicatos e associações à uma reforma estrutural da educação, buscando superar a herança do elitismo, do autoritarismo e da exclusão social e/ou racial, e introduzindo métodos pedagógicos libertários.

4. Revista Histedbr On Line - Quais os desafios, limites e possibilidades do marxismo na sociedade atual?

Michael Löwy - Um certo tipo de marxismo, de corte positivista e dogmático, transformado em ideologia de Estado pela burocracia dirigente dos assim chamados países do “socialismo real” (à começar pela URSS) entrou em profunda crise com a queda - ou conversão ao capitalismo - destes regimes à partir de 1989. Mas o marxismo vivo, aquele que inspirou Rosa Luxemburgo e Trotsky, Lukacs e Gramsci, José Carlos Mariategui e Farabundo Martí, Walter Benjamin e Ernst Bloch, Ernesto Che Guevara e os teólogos da libertação, nos dá, em sua diversidade, pontos de partida indispensáveis para entender a sociedade atual.

O marxismo não é um paradigma fechado, um sistema de “verdades científicas” estabelecidas de uma vez por todas, um catálogo de “leis econômicas” (ou históricas, ou políticas) invariáveis, mas um método dialético, humanista/historicista, de análise e transformação da realidade - uma realidade que obviamente não é a mesma no século 21 que na época de redação do *Capital* de Marx. Isto não impede que a sociedade em que vivemos ainda seja capitalista - na realidade, a dominação planetária do capital é muito maior hoje em dia do que nos tempos de Marx e Engels - baseada na exploração, na dominação e na guerra.

Pessoalmente sou favorável à um desenvolvimento do marxismo visando à aprofundar sua ruptura com os paradigmas da civilização (capitalista) moderna. Já Walter Benjamin, em seu *Livro das Passagens* inacabado, propunha uma reformulação do marxismo de forma à libertá-lo de qualquer influência do positivismo e da ideologia burguesa do « Progresso ».

Para mim o grande desafio para o marxismo no século 21 é integrar a questão ecológica. É o que tenta fazer o ecosocialismo, uma corrente de pensamento e de ação que se reclama ao mesmo tempo da defesa ecológica do meio ambiente e da análise marxista do capitalismo. Para os ecosocialistas, a lógica do mercado e do lucro capitalistas conduzem a destruição dos equilíbrios naturais, com consequências catastróficas para a humanidade. Em ruptura com a ideologia produtivista do progresso - em sua forma capitalista e/ou burocrática - e em oposição à expansão ilimitada de um modo de produção e de consumo incompatível com a proteção da natureza, o ecosocialismo representa um outro modelo de civilização, uma alternativa radical ao paradigma capitalista/industrial dominante.

Michael Löwy